



EDUCA QUEM? EDUCA TODO MUNDO! PODCASTS QUE DISCUTEM A PRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES E UMA EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE NO ACESSO AOS DIREITOS E ÀS OPORTUNIDADES

Célia Ratusniak¹
Desirée Mathias de Campos²
Lucas dos Santos da Silva³
Marcielly Cristina Moresco⁴
Ranna Emanuelle Almeida⁵

RESUMO

O texto traz a experiência da produção de podcasts em meio à pandemia de Covid-19, vinculada ao projeto de extensão ‘Conversando a gente se entende: discutindo produção das desigualdades e a produção da igualdade no acesso ao direito à Educação’, vinculado ao Setor de Educação e desenvolvido por alunas e aluno dos cursos de licenciatura. Os podcasts permitem produzir conteúdos facilmente compartilhados nas redes sociais. Por isso, foi o formato escolhido para criar encontros e conversas em que se discutem e problematizam a produção das desigualdades e a construção de práticas que favoreçam igualdade de oportunidades na educação. Apresentamos nossa trajetória no processo de produção de podcasts e os deslocamentos que as próprias problematizações dos episódios produziram no grupo, que se inicia em maio de 2021. O foco das temáticas dos episódios emerge das condições políticas e econômicas, de grupos e de pessoas que atuam e militam nos movimentos sociais e estudantis, e em práticas pedagógicas que objetivam a educação para a igualdade, o que permite que os podcasts atinjam os mais diversos públicos. Como principais conclusões, o projeto mostra que os podcasts podem ser uma possibilidade para que a Universidade garanta sua vocação extensionista, se constituindo num material pedagógico que favorece a construção de espaços de aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Com a possibilidade de maior difusão de informação e de uma comunicação ubíqua, acessível de qualquer lugar e por uma diversidade de dispositivos, o podcast é uma ferramenta

¹ Coordenadora do Projeto de Extensão. Professora do Setor de Educação e do PPGE da UFPR.

² Aluna de Pedagogia - UFPR. Extensionista voluntária.

³ Aluno da Licenciatura em Artes. Extensionista bolsista PROEC.

⁴ Aluna do Pós-doutorado em Educação - UFPR. Professora do Departamento de Educação da UNESP.

⁵ Aluna de Pedagogia - UFPR. Extensionista voluntária.



de disseminação de conteúdos sonoros, e um potente instrumento educativo e pedagógico. Como fenômeno, surgiu em 2004, alcançando grande popularidade na Internet.

Pode-se conceituar o podcast como um arquivo de áudio que funciona tal como um programa de rádio digital, gravado, editado e distribuído na Internet no estilo “faça você mesma/o”. A característica desse programa é a abordagem de conteúdos específicos, com um formato de discussão entre locutoras/es e especialistas convidadas/os, podendo também adotar um tom mais jornalístico ou mais narrativo - a depender do estilo do podcast e, posteriormente, disponibilizados ‘*on demand*’, ou seja, sob demanda para as pessoas escolherem quando e onde querem escutá-lo (MEDEIROS, 2006; LEMOS, 2005).

No Brasil, durante a pandemia da Covid-19, pudemos observar sua utilização como uma potente ferramenta pedagógica de complementação de aulas remotas, atividades de pesquisa e extensão e de projetos educativos-comunicacionais, devido à facilidade de produção, podendo ser realizado a partir de um celular, computador e em domicílio.

Flertando com essas características e apostando na função educativa dos podcasts, nasce em 2021 o projeto de extensão ‘Conversando a gente se entende: discutindo produção das desigualdades e a produção da igualdade no acesso ao direito à Educação’⁶, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), resultado do encontro da Psicologia da Educação com a Educomunicação. Seu objetivo principal é promover encontros que discutam e que problematizem a produção do fracasso escolar, das desigualdades e a construção de práticas que favoreçam a educação para a igualdade de oportunidades, criando podcasts que podem ser facilmente compartilhados nas redes sociais. Também podem ser utilizados como material didático para problematizar essas temáticas com os cursos de licenciatura, com as escolas e com a Rede de Atenção Psicossocial, responsáveis por garantir o direito à educação das crianças e de adolescentes.

O formato em podcasts permite que esses conteúdos possam ser acessados remotamente, de modo oralizado, sem a presença física das pessoas, aspecto importante durante o período de

⁶ O projeto foi idealizado pelas professoras Célia Ratusniak e Marcielly Cristina Moresco. Conta com três bolsistas PROEC: Ranna Emanuelle Almeida; Lucas dos Santos da Silva; Anne M. Torrecilha. Uma bolsista PIBIS em fase de implementação: Jéssica Valéria Pereira da Silva. E uma extensionista voluntária: Desiree Mathias de Campos.



distanciamento social na pandemia. Possibilita também abordar os conteúdos e temáticas que problematizam as diferenças e a diversidade, com participantes das mais diversas regiões, numa pluralidade das discussões que traz diferentes olhares sobre os contextos educativos e sociais.

A facilidade no acesso do podcast é o que configura a potencialidade deste projeto, pois garante a sua utilização como ferramenta pedagógica. Isso significa que ele pode ser utilizado nas aulas, como material de fundamentação teórica, ser consultado por docentes para aprender mais sobre as temáticas e servir de disparador para reuniões de pessoas que atuam na garantia do direito à educação. Também permite levar essas discussões para outros espaços, indo além dos acadêmicos, estreitando as relações entre universidade e comunidade – aspecto que confere a esse projeto a condição de extensão universitária.

Esse relato de experiência tem como objetivo apresentar o processo de produção de podcasts em meio à pandemia. Contaremos aqui nossa experiência e os desafios impostos quando nos colocamos a tarefa de redigir e implementar um Projeto de Extensão pela primeira vez, propondo como ação principal produzir podcasts sem saber como se faz isso. Aqui, aprendemos a ser extensionistas e a ser *podcasters*, junto com o desejo e a vontade de provocar rachaduras nas estruturas que produzem e reproduzem as desigualdades na educação. Acreditamos, sim, que há pessoas que creem no potencial transformador da educação e, por isso, estamos criando relações e nos fortalecendo.

2 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO DA EXPERIÊNCIA

Foucault (2000) nos ensina que o saber não serve para consolar. Participar de uma linha de pesquisa intitulada Diversidade, Diferença e Desigualdade Social na Educação, no âmbito dos grupos de pesquisa Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e Sexualidade na Educação - LABIN/UFPR e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação para as Relações Étnico-Raciais - ErêYa/UFPR, faz com que nossos problemas de pesquisa sejam difíceis, duros, angustiantes, pois temos contato com a realidade concreta de quem foi colocada/o em condições subalternizadas, e em quem são potencializados os efeitos dos esquemas de opressão que agem numa sociedade de desigualdades tão brutais como a do Brasil.



Compreender como os sujeitos e as sujeitas são empurrados para esses lugares subalternizados coloca-nos a necessidade ética e política de discutir os contextos e as condições nas quais as desigualdades são produzidas. Nos incomoda que, nas atividades que desenvolvemos na Universidade, estejamos falando apenas para nós mesmas/os. Também nos causa desconforto não podermos compartilhar e discutir de maneira mais frequente e efetiva com as instituições que pesquisamos o conhecimento que produzimos.

Foi pensando nessas questões que esse Projeto de Extensão nasceu. Todavia, para que ele se tornasse realidade, surgiram alguns desafios. O primeiro deles era saber como fazer um Projeto de Extensão na UFPR, dado que a professora coordenadora era docente recente, em seu primeiro ano de trabalho na universidade. Para superar essa dificuldade, a PROEC ofereceu todo o apoio necessário para preencher a proposta e, assim, torná-lo apto a concorrer a editais de bolsas.

A segundo desafio foi formar a equipe. Conhecíamos poucos alunos e alunas, não tínhamos experiência com editais de seleção, mas sabíamos que queríamos pessoas para quem essas questões também fossem problemas ético-políticos. Criamos um perfil desejado, objetivando atrair para a participação candidatos e candidatas que compusessem as diferenças e a diversidade, tentando romper com a facilidade, por exemplo, que a branquitude, pessoas cisgêneras e heterossexuais têm de ocupar os espaços que lhes conferem oportunidades. Esse perfil desejável contemplava pessoas negras, indígenas, LGBTI+⁷, mães, estudantes de cursos noturnos, pessoas beneficiárias de programas sociais ou que fossem contempladas pelo Programa de Benefícios Econômicos para a Manutenção do/a Estudante (PROBEM). Tivemos nove inscrições e selecionamos cinco alunas e um aluno.

O primeiro passo para a execução da proposta foi aprender como se faz um podcast, compreender sua linguagem e características, bem como potencializar o caráter extensionista que essa ferramenta pode adquirir. Para tanto, paralelo ao processo seletivo, foi realizado um curso remoto chamado *Introdução ao Podcast Educativo*, ministrado pelos professores Ismar Capistrano e Bruno Balacó. Esse curso reuniu outros projetos de extensão de universidades

⁷ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais e mais outras denominações.



públicas e movimentos sociais de diversas regiões do país. Por meio dele, aprendemos sobre as melhores plataformas de gravação e edição, e a escutar podcasts para identificar os métodos e as técnicas utilizadas, o que instrumentalizou nossa própria aventura em produzi-los.

Iniciamos os encontros em junho de 2021 e, desde então, temos feito reuniões semanais para discutir as temáticas a serem abordadas, quais pessoas convidaremos, que pauta terá cada episódio. Iniciamos discutindo o formato, onde as gravações seriam feitas, qual o tempo de duração, como compartilharíamos os episódios. Também pensamos um nome para o podcast, definindo-o como *Educa Quem*⁸?

O primeiro material produzido foi o **Episódio 0 - Educa Quem, o Projeto**⁹. Nele, nos apresentamos e contamos como surgiu a ideia da extensão. Experimentamos, assim, quem apresentaria as/os participantes, como seria feita a condução da conversa e o tempo do episódio. Com esse primeiro material gravado, passamos a escolher de músicas, vinhetas, sinais sonoros que definiriam os momentos do podcast e organizariam sua estrutura e seu formato. Foi muito gratificante ouvi-lo diversas vezes, discutir o que poderia ser melhorado até chegar no podcast que consideramos bem feito.

No projeto de extensão cadastrado na PROEC, as pessoas convidadas seriam pesquisadoras e pesquisadores referência em suas áreas, que socializariam seus saberes. Ao ouvir as apresentações das/do extensionistas, percebemos que seus saberes e vivências eram um material riquíssimo para um podcast sobre ser uma pessoa jovem negra na Universidade. Assim, surge o **Episódio 1 - Uma de questão de cor**¹⁰, que traz discussões importantes sobre “tornar-se negro/a”, questão trazida a partir do livro de Neusa Santos Souza (1983). Também aborda questões sobre o racismo que essas e esses jovens sofrem em diversas esferas sociais. Dentre elas, as instituições de ensino. A conversa aconteceu de maneira fluída, sem precisar de

⁸ O podcast ‘Educa quem?’ está disponível nas plataformas digitais de podcasts Spotify <https://open.spotify.com/show/6ryhEMNz140rYguiVcCD1m>, Anchor <https://anchor.fm/educa-quem-podcast> e Google Podcasts. Além das redes sociais Instagram – <https://www.instagram.com/educaquempodcast> e Facebook: <https://www.facebook.com/search/top?q=podcast%20educa%20quem%3F>. E-mail para contato: educaquempodcast.ufpr@outlook.com.

⁹ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0HaVoFkDUcSCaArGezPRCA>.

¹⁰ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6ryhEMNz140rYguiVcCD1m>.



uma pauta fechada e de pessoas conduzindo as falas, o que nos apontou um estilo a ser fabricado.

Durante uma reunião, discutíamos a possibilidade do podcast abordar acontecimentos que afetam a vida de populações específicas, e surgiu a ideia de produzir um episódio sobre a questão do marco temporal, que estava em votação no Supremo Tribunal Federal (STF). Propusemo-nos a fazer, mesmo sem saber muito bem o que seria votado e nem conhecermos pessoas indígenas que pudessem explicar para nós e para nosso público o que era o marco temporal e qual a importância do território para os povos originários. Entramos em contato com a Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (SIPAD) da UFPR, que nos passou o número de telefone da aluna de direito Yva Ruiz, que estava no acampamento dos povos indígenas em Brasília/DF. Tentamos contato, mas não tivemos retorno. Logo, fomos informadas que ela estava sem celular, e nos passaram um número de uma amiga. Mandamos mensagem, que foi respondida, e pudemos conversar com a estudante e fazer o convite, que foi prontamente aceito. Porém, ocorreram alguns problemas técnicos. Yva teve seu celular roubado, e estava tentando comprar outro. Caso conseguisse, poderia nos enviar os áudios via WhatsApp, com as respostas ao roteiro que propusemos. Concomitantemente, estabelecemos contato com Elon Lucas Jacintho, estudante indígena que está participando da retomada da terra Floresta Estadual Metropolitana, em Piraquara/PR, e que também recebeu as mesmas perguntas. A condição técnica com ele também era delicada: no território onde estava, não havia energia elétrica e ele só poderia responder as perguntas quando carregasse o celular. Conseguimos enviar as perguntas no final de semana e explicamos que, para compartilhar o episódio no horário que seria realizada a votação no STF, precisaríamos dos áudios com as respostas até a segunda-feira ao meio-dia.

Chegou a tarde de segunda, e não havíamos recebido nada. Entendíamos as condições de Yva e Elon: acampados, lutando pelos seus direitos, com ações mais urgentes e importantes a resolver. Mas no fim da tarde, os áudios de Yva começaram a chegar. Em reunião, naquela noite, organizamos o episódio. Durante a madrugada e ao longo do dia, foi feito um trabalho de produção e de edição. Na terça-feira, pouco antes da meia-noite, o episódio ficou pronto. Ainda não tínhamos compartilhado nada nas redes sociais, e a quarta-feira foi usada para criar os textos de divulgação no Spotify, Facebook, Instagram e Whatsapp. As 16h, no início da votação,



compartilhamos o podcast **Episódio Especial - O Marco Temporal Indígena**¹¹. Conseguimos!

Nesse mesmo dia, começamos a receber os áudios do Elon. Decidimos usar o material para produzir um outro **Episódio Especial - O Marco Temporal Indígena - parte 2**¹², que discuti com alunas, alunos e indígenas seus processos educativos formais nas escolas e instituições de ensino superior, e as relações que se estabelecem entre estudantes indígenas e a universidade.

Entre esses trabalhos, gravamos um episódio que discuti os contextos que produzem a evasão escolar na Educação Básica. Para discutir essa temática, convidamos a professora Lucimar Rosa Dias, referência na educação para as relações étnico-raciais no Brasil, e o juiz Carlos Matioli, coordenador do Projeto Combate à Evasão Escolar, que recentemente foi premiado pelo Conselho Nacional de Justiça. A pauta propôs discutir a diferença entre racismo, *bullying* e também como o racismo institucional torna a permanência na escola difícil, produzindo aquilo que denominamos de evasão ou fracasso escolar, mas que configura muito mais uma expulsão da população negra dos espaços educacionais.

A qualidade do Episódio 1 e dos Episódios Especiais nos fez repensar quem seriam as próximas pessoas que convidaríamos. Temos como objetivo discutir como são produzidas as desigualdades, então temos que colocar esses saberes para operar no nosso projeto. Por isso, desistimos da ideia de convidar pessoas que estão consolidadas como referências em suas áreas, e decidimos conhecer e compartilhar os saberes e as práticas de quem está lutando no cotidiano para promover ou para ter uma educação que promova a igualdade. Dessa forma, as conversas são mais horizontais.

Nesse formato, produzimos dois podcasts em outubro em homenagem ao dia das professoras e dos professores. O primeiro, chamado **Episódio 2 - O que você anda fazendo?**¹³ com professoras e professor de escolas públicas que trabalham com as relações étnico-raciais, gênero e sexualidade. Também fizemos um episódio especial: **Cartas para uma professora e**

¹¹ Disponível no Spotify <https://open.spotify.com/episode/32BUkuDD677ACAwuX02JII>.

¹² Disponível no Spotify: <https://open.spotify.com/episode/7ahoIEQMgpoZBeR2O8rL3F>.

¹³ Disponível no Spotify: <https://open.spotify.com/episode/1qYdx9Jdcx9Dd6F6flYD1xr>.



para um professor,¹⁴, uma homenagem com áudio-cartas, memórias e depoimentos enviados por pessoas que tinham o desejo de homenagear docentes importantes em suas vidas.

Para os próximos episódios, elegemos como temática a discussão sobre como a psicologia lida - ou não - com questões étnico-raciais, com membras do Coletivo Negro de Psicologia (CONEPSI)¹⁵, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e também vamos conversar com o Resistência Ativa Preta - R.A.P, coletivo de estudantes do curso de Direito da UFPR .

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos construindo um caminho e, nessa jornada, também estamos construindo uma prática educativa que favoreça a igualdade de oportunidades. Mesmo sem saber, porque ainda não havíamos lido o livro, estamos exercitando um pouquinho daquilo que bell books (2019) chama de erguer a voz, ou seja, construir espaços onde falar seja um ato de resistência, onde possamos lutar contra a dominação que emudece e não reconhece o que não parece consigo como conhecimento. Promover encontros que construam alianças que fortaleçam as ações, vivências, conhecimentos, experiências, práticas para que estas se potencializem.

A pandemia da COVID-19 impede o encontro presencial. Mas, mesmo encontrando-nos por meio da tela do computador, já somos velhas/o conhecidas/o. Constituímos um grupo, nossas reuniões são encontros onde estamos sempre disponíveis para aceitar as sugestões e torná-las realidades. Em meio a microfones cobertos com meia, fones emendados com fitas isolantes, computadores e internet que travam a todo o momento porque não comportam os programas necessários, vamos seguindo e nos sentindo mais satisfeitos pelos rumos do nossos podcasts. E agora não vamos sozinhas/os porque quem esteve conosco nos acompanha em nossos episódios.

¹⁴ Disponível no Spotify: <https://open.spotify.com/episode/7wv7Dc9SWidEZcbDdnNFkJ>

¹⁵ O CONEPSI surgiu a partir da necessidade de aquilombamento de estudantes negras/os do curso de psicologia da UEM.



Queremos que nossos podcasts entrem nas salas de aula, nos planos de ensino, nas reuniões pedagógicas, acompanhem nos momentos de lazer, de serviços domésticos, nas caminhadas, nos trajetos engarrafados. E isso já acontece: os dados da plataforma de hospedagem e distribuição de podcasts Anchor (que pertence ao Spotify) mostram que nossos podcasts alocados no Anchor, Spotify e Google Podcasts contam com 113 reproduções no total. As pessoas que estão tendo contato com nossos conteúdos, estão ouvindo e se interessando. Quem estiver disposto a nos acompanhar nessa jornada esta convidada/o a vir junto. Porque o importante é o que se constrói na travessia. Seguimos juntas/os.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

LEMOS, A. **Podcast**. Emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura. Jun/2005. Disponível em: <http://saladeaulainterativa.pro.br/moodle/mod/book/view.php?id=2274>. Acesso em: 13 ago. 2021.

MEDEIROS, M. S. de. Podcasting: Produção descentralizada de conteúdo sonoro. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.